



A BÍBLIA INICIA EXPLICANDO O SENTIDO DA MORTE E SOFRIMENTO

Uma das mais belas e eternas histórias bíblicas de nossas origens é o mito de Gênesis 2,4b-3,24.¹ Nessa narrativa, nesse mito de origem, aparecem duas árvores. A primeira é o símbolo da vida imortal; a segunda, a do conhecimento do bem e do mal. A árvore da

vida dá seu fruto e dele o ser humano pode comer sem morrer; mas o fruto da árvore do conhecimento é portador da morte. Sabedor de sua condição mortal, o ser humano almeja a imortalidade. Ele sabe também que essa condição só é possível no Sagrado, em Deus. Por isso, seu desejo será sempre

o da imortalidade. Ninguém quer morrer – com exceção daqueles que perdem o sentido da vida.

O fruto da árvore da vida confere imortalidade; o da árvore do conhecimento do bem e do mal oferece a morte. Ao ser humano, fica expressa a proibição divina de comer o segundo fruto (cf. Gn 2,17). Adão e Eva comem-no, mas não conhecem a morte. Trata-se não de uma morte física, mas da capacidade de libertar-se de Deus, tornando-se capaz de conhecer o bem e o mal, o que lhe traria a morte.

O movimento gnóstico, que ganhou força no judaísmo e no cristianismo posteriores, desenvolveu a teoria de que o conhecimento de Deus salva. Ao ser humano, após comer mitologicamente esse fruto, é conferida a faculdade de se decidir pelo bem e pelo mal. Ele terá de pagar com a própria morte a opção feita no paraíso, de não aceitar sua condição de criatura. A primeira consequência de tudo isso foi a expulsão do jardim do Éden. O comer o fruto da árvore da vida representa nossa vida pueril. A criança pensa que a vida é eterna. Ela não tem consciência da morte. Tendo comido o fruto da árvore do conhecimento do bem e mal, o ser humano coloca-se na condição de

amadurecer para conhecer a morte. Nesse longo caminho entre o nascer e o morrer, está o sofrer.

A primeira explicação do sofrimento humano pelo viés do mito ocorre em Gênesis 2,4a-3,24. A mulher aceita a proposta da serpente, come do fruto proibido e o oferece ao homem. Depois desse ocorrido, ela passa a ter dores de parto. Assim como a serpente, que representa a fertilidade, a mulher torna-se fecunda, mas com dores. Mulher e serpente são desqualificadas na narrativa mítica.² Por outro lado, a mulher também, por causa da ação da serpente, torna-se súdita do homem. Ela terá desejo pelo marido, que a dominará (cf. Gn 3,16); essa é a terrível sentença de punição para a mulher. Também sofrerá nas mãos do marido, que passa a governar a mulher. E, se esse era o desejo da serpente e, considerando a sua relação com os poderes reais do Faraó e monarquia israelita, podemos afirmar que há uma transferência de domínios, mantendo a cadeia de dominação. A parceria entre a mulher e a serpente resulta em opressão. Pelo fato de ter aceitado a proposta dela, o homem receberá a punição do trabalho exaustivo na terra, e ele se torna maldito por causa da atitude de desobediência humana (cf. Gn 3,17). O poder da serpente leva-o a viver de suor e de fadigas, sofrimento sem fim. A serpente, o poder dominador, precisa desse trabalho forçado para sobreviver.³ O homem torna-se pó da terra e perece de tanto trabalhar. O mito explica o sofrimento pelo viés da opressão, que o lavrador conhecia.

A primeira experiência de morte, ainda que de forma mitológica, que aparece na Bíblia é a de Gênesis 4,1-16.⁴ Trata-se do fratricídio de Abel, que pereceu por obra do violento irmão Caim. Ele morreu no campo, sem testemunha. É uma história de culpa e de castigo de dois irmãos, um agricultor e outro, pastor, apresentada na Bíblia como explicação do destino do mal e do malvado na história da humanidade. A violência estava presente nas origens e parece

ser congênere ao ser humano. Ela causa a morte e impede que a vida continue. O indefeso Abel é morto pelo irmão malvado. Esse nome, em hebraico, *hêbêl*, significa ‘vento, sopro, hálito, respiro, vapor, névoa, fumaça, vão, fútil, inútil, vaidade, fugaz, coisa caduca, que flui rapidamente, que desaparece, frustração, ilusão, mentira, aborto, desengano, luto, lamento, choro’. Abel quer nos dizer que, na vida, tudo é fumaça, tudo é passageiro. Ele é o símbolo de todas as frustrações do ser humano: luto, dor, fraqueza, morte. O Abel do segundo filho de Eva quer mostrar a fragilidade do ser humano, no início da criação, não obstante o triunfo magistral de seu antecessor, Caim. Ele representa também todo Adão, ou seja, aquele que veio do pó da terra. Assim, Eva dá à luz Abel, aquele que ‘nasceu somente para morrer’ e explicar, mitologicamente, o motivo da violência humana impetrada pelo próprio irmão, que não aceita ter um irmão, alguém que lhe é semelhante. Nessa relação, não prevalece o amor. Aquele que nasceu para morrer sofre a morte pelas mãos do irmão.

NOTAS

- ¹ FARIA, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1-11: mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 68-69.
- ² REIMER, Haroldo. A serpente e o mono-teísmo. In: _____; SILVA, Valmor da. *Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, p. 119.
- ³ SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 80-81.
- ⁴ FARIA, Jacir de Freitas. *Ibidem*, p. 78-82.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal